

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS

COMPARTILHAR 72

Do uso da Bíblia na Igreja hoje

Josué Flores

Introdução

Avaliar e sugerir propostas para um tema tão amplo e amplamente debatido em torno da Comunhão Anglicana, em todos os níveis, são desafios homéricos que empenhamos desde agora. Certamente lançaremos mão de todo o aparelho de que dispomos para a construção crítica e construtiva, e muito provavelmente adotaremos também àquelas teses já muito debatidas e defendidas por teólogos, bispos entre outros.

Tentaremos enumerar o maior número possível de assuntos transversais que o tema possibilita sem perder de vista a rica tradição anglicana e muito certamente os sub-temas que ela mesma propõe para a análise do fato. A Bíblia, seu uso, prática e compreensão; é o grande nó hermenêutico que teólogos de várias gerações têm que lidar, pois é através destas respostas que se compreende mais facilmente o espírito cristão do tempo, suas aspirações no mundo em que vive, suas interpretações dos fatos históricos e por fim o desenvolvimento ético em seu cotidiano.

Duas leituras preliminares foram propostas para abrir o tema: “Bíblia e Anglicanismo” e “Apontamentos sobre Bíblia, Liturgia e Anglicanismo”, ambos do Dr. Rev. Prof. Humberto Maiztegui Gonçalves. No primeiro o autor propõe algumas chaves hermenêuticas para a interpretação bíblica e seus enlances com a espiritualidade, liturgia e ética anglicana, tendo em conta os desafios da realidade latino-americana. Transformar a Palavra de Deus em *Palavra da Vida*, implica em inculturar a mensagem cristã, na missão anglicana, tornando-a relevante. E num esforço didático, o autor expõe os grandes temas da vida cristã de forma a compreender o papel exercido pela Bíblia em cada uma delas e muito especialmente uma instrumentalização de como usa-la. Já no

segundo texto, o autor desenvolve a idéia de que a tradição litúrgica judaica, baseia-se em acontecimentos marcantes da história e fé do povo de Israel, e essa experiência litúrgica irá também servir de base para a construção da experiência litúrgica cristã neo-testamentária. E no anglicanismo, a Palavra de Deus, torna-se *Palavra da Vida* através da ação sacramental da igreja. A Palavra é a porta de entrada do cristão através do Batismo, e se consuma no Cristo Eucarístico, palavra encarnada.

A atual realidade da Província anglicana brasileira é compreendida como algo diversificado, pois não é possível falar em anglicanismo, mas em “anglicanismos”, frutos da complexidade histórica da presença anglicana no Brasil e também os enlaces com as culturas locais. Falar sobre a realidade Latino-americana, torna-se algo muito mais complexo, pois de fato, nos deparamos num horizonte em que somadas todas as igrejas não-romanas no continente, ainda assim, não há outra fenomenologia religiosa que seja profundamente relevante para a cultura latino-americana. Assim, o anglicanismo tem como tarefa, a construção de uma tipologia muito mais criativa para se acomodar nas estruturas de pensamento deste povo, e não ainda continuar sendo um “objeto exótico”.

A Bíblia na espiritualidade anglicana

A Escritura está no centro da adoração anglicana e conseqüentemente é base do LOC. E isto é verdade não somente da maneira como está prevista a leitura pública na Eucaristia usando-se o Lecionário tríplice e o as leituras do Ofício Diário. Mas também todos os textos litúrgicos estão permeados de citações e alusões bíblicas.¹

De fato, a citação acima está coberta de toda a razão. Nosso Livro de Oração Comum (LOC) é a manifestação mais pura da hermenêutica bíblica que o anglicano faz da Bíblia, ou seja, ela é um próprio “*recorte*” que se faz daquilo que é entendido como regra e princípio de adoração, oração e contemplação. Por muito que se fala que o anglicanismo não possui um teólogo que tenha firmado às bases da religião, como João Calvino para os reformados, ou Lutero para os evangélicos. A Teologia anglicana é profundamente marcada pela regra *Lex oranti, lex credence*². Nossa fonte de interpretação de Deus, do ser humano, da criação é o LOC, e o LOC é este *recorte* bíblico que se

¹ Oliveira, Orlando Santos. “Espiritualidade do Livro de Oração Comum”. In: Reflexões, nº. 06, Porto Alegre: CEA/IEAB, pg.38, 1999.

² Lt. Lei orada, lei crida.

tornou na principal *Confissão não-confessional da fé anglicana*. O LOC desenvolveu e uniformizou um modelo (padrão) próprio de oração comunitária e o conjunto de todo o arranjo litúrgico que se confeccionou manifesta o que chamamos aqui de *espiritualidade anglicana*. O anglicano num movimento consciente/inconsciente respira profundamente os ares bíblicos seja na manifestação de sua ação contemplativa, seja na construção de todo o cenário litúrgico composto por uma motivação/intenção temporal que se remonta a um passado bíblico, seja a Páscoa ou Advento, que necessariamente não são propriedades exclusivas do anglicanismo, mas que incorporadas no sistema são fundamentais para a exteriorização dos conteúdos litúrgicos.

Apesar de nossa construção doutrinária e teológica estar fundamentada no LOC, e este por sua vez na Bíblia, precisamos salientar que nossa fé é basicamente constituída por um binômio: ler/não-ler! Este binômio determina as bases daquilo que é fundamental para o ethos anglicano – a *inclusividade*. É impensável uma liturgia que se baseia fundamentalmente naquilo que é lido. E isso equacionado em uma realidade de milhares de analfabetos (especialmente a região nordeste do Brasil) é fatalmente a *corda-no-pescoço* de nossa igreja. Como sobreviver liturgicamente com uma liturgia essencialmente lida num país com milhares de pessoas analfabetas. Se não enfrentamos este desafio, então tacitamente legitimamos nossa pretensão em sermos uma igreja de elite, despreocupada com as massas.

O outro problema que nos coloca essa realidade é que mesmo os que são profundamente alfabetizados, de certa forma foram todos educados religiosamente em um sistema cartesiano que precisa de respostas objetivas, concretas e materiais. Assim, aquilo que é *imanente, transcendente, místico*, que deveria envolver o leitor numa esfera de aproximação com o sagrado, acaba sendo mais um instante *recitativo* da fé de nossos pais. Então, como poderá se desenvolver uma espiritualidade fecunda e profunda, que irradie na comunidade e se cultive diariamente se a eficácia de penetração do sentido/significado do culto não teve o êxito esperado? Logo, podemos dizer que nosso ritual é espetacular, com riquezas da piedade cristã imprescindíveis para todos, mas sua aproximação antropológica com o universo das representações imaginárias e simbólicas deixa muito a desejar.

A ação e a reflexão não colocam um conflito, mas constituem o ritmo de nossa vida. Temos de imergir na Palavra de Deus, proclamada, escutada e

interpretada no contexto litúrgico e com o uso da razão, em meio as nossas realidades históricas, mas ao mesmo tempo imersos também no mundo.”³

Esta citação acima, ilustra muito bem nossa visão acerca do uso do LOC nas dimensões em que ainda estamos sem respostas. A ação e a reflexão somente serão mais presentes e significativas, quando a liturgia, nosso referencial primeiro do uso da Bíblia, estiver afinada com as condições elementares da vida humana, ou seja, contextualizada (encarnada) com o povo.

Apesar dos esforços de alguns músicos em traduzir em uma linguagem musical brasileira a hinologia clássica do LOC, ainda reproduzimos padrões rítmicos não populares e não-comunitários. A música é um veículo fundamental para comunicar os conteúdos de forma inteligível e não tem sido utilizada em nossa igreja como deveria, seja nas antífonas, seja nos responsos, seja nos cânticos, salmos, etc. O que se traduz em nosso culto, é algo extremamente chato e monótono e que não penetra como poderia a existência mística dos fiéis.

A Bíblia, Identidade e inculturação

(...) a revelação escriturística deve continuar iluminando, desafiando e transformando as culturas, as estruturas e as formas de pensar, especialmente aquelas que hoje predominam (...).”⁴

Com esta citação, destacamos o papel relevante que a Bíblia exerce no tocante ao protagonismo cristão-anglicano no mundo, nas transformações em estruturas injustas de poder, nos sistemas alienantes de pensamento e nas opressões culturais às liberdades humanas. Não é de se admirar, mesmo que de forma sigilosa, podemos perceber a ação de muitos grupos anglicanos ao redor do mundo buscando alcançar a dignidade humana e a promoção da vida combatendo formas violentas e opressivas do poder *dia-bólico*. O uso do infinitivo em todas as conjugações dos verbos na citação da resolução de Lambeth nos dá a idéia de uma ação transformativa dinâmica, algo que está sempre acontecendo, ou uma atitude em que o anglicano sempre está inquieto, perguntando ininterruptamente, sobre o seu papel naquela sociedade a partir da revelação e desafios que às Escrituras nos apresentam.

³ Oliveira, Orlando Santos. *Op. Cit.* pág. 39.

⁴ _____ . Conferência de Lambeth 1998. Resolução III.1b. In. Reflexões. Porto Alegre: CEA/IEAB, nº. 08, pág. 15-16, 2000.

Por isso, a missão anglicana é tão mais provida de sentido e significado, que um mero proselitismo, ou seja, todas nossas investidas evangelizadoras e missionárias, sejam na diaconia ou no kerygma, antes tem caráter de socorro, conforto e abrigo que meios para arrebanhar seguidores. Entretanto, precisamos nos questionar: Em mais de um século de anglicanismo no Brasil e na América Latina (em outros países muito mais tempo), que relevância temos neste contexto? Fazemos alguma diferença? Podemos ser identificados como uma Igreja Latino-americana? Possuímos as marcas do povo daqui? Bem, estas perguntas irremediavelmente nos levarão a crer que de fato, o anglicanismo não gerou respostas para a situação existencial desta população. Tão somente se preocupou em reproduzir uma mesma eclesiologia que nem nos moldes culturais, nem sócio-econômicos daria certo. Por isso Rubem Alves tão acertadamente critica o protestantismo latino-americano (e aí eu incluo o anglicanismo, apesar de não ser uma religião protestante), que se todas estas igrejas acabassem hoje, não faria nenhuma diferença cultural e social para o povo latino americano.

As Igrejas crescentes do Terceiro Mundo nos recordam que há um redescobrimento empolgante das Escrituras como a fonte inesgotável de nossa adoração, testemunho e ação. É uma leitura renovada da Bíblia na qual a bagagem ideológica das interpretações passadas é apartada, permitindo a todo o povo de Deus relacionar a Palavra integral de Deus ao contexto no qual eles vivem.”⁵

Então, retomamos o texto do Dr. Humberto “*Bíblia e Anglicanismo*” que nos pergunta: Qual é a visão bíblica do anglicanismo latino-americano? Em que indaga sobre as contribuições das diversas igrejas e organismos para uma inculturação da re-leitura bíblica, num âmbito latino-americano. Tornar nossa leitura bíblica com marcas autóctones, coloridas pelas cores das culturas das Américas, é nosso desafio. É por isso que precisamos analisar profundamente nossa *Identidade*, e saber discernir o que é cultural em nossa fé, e o que é a essência (àquilo que é imutável). Esta revisão nos fará entender quanto podemos avançar no campo da inculturação, tornando nossa identidade anglicana muito mais relevante e eficaz. É muito provável que este problema não é de propriedade exclusiva nossa. Isso ocorre certamente com as demais igrejas, o que agrava mais, é que correm nas veias mais profundas da Igreja Anglicana no Brasil, os nutrientes próprios de uma cultura anglo-americana, e em nenhum recanto do país, existe algum povoado que tenha traços

⁵ _____. Para além de Lambeth. Para além de 2000. Relatório da Missão para a Conferência de Lambeth de 1998. In: Partilha Teológica. Porto Alegre: CEA/IEAB/Dep. de Missão, nº. 08, pg. 30, 1999.

culturais semelhantes, diferentemente dos luteranos que contam com uma grande colônia alemã em todo o país. Será que precisamos definitivamente desses traços? E como abdicá-los sem renegar as riquezas de nossa tradição, já que a linha é muito tênue? Precisamos abrir nossos ouvidos e perceber o que Deus quer de nós e o que Ele fala para todos nós através da cultura, da arte, da música, enfim, de todas as manifestações do povo e discernir em que medida devemos mesclar essas duas riquezas.

Bíblia e Educação Cristã

*(...) usar criativamente o Lecionário, publicando recursos baseados no Lecionário comum para capacitar a fazer conexões entre o sermão de domingo e o desenvolvimento da comunidade Cristã, de forma que a teologia e espiritualidade das tradições do Anglicanismo não seja uma cadeia para nos encarcerar mas uma disciplina para nos fortalecer.*⁶

Esta citação acima, ilustra muito bem uma de nossas maiores dificuldades em relação à Educação Cristã e os enlaces da liturgia dominical com o dia-a-dia do anglicano. Recentemente, o Centro de Estudos Anglicanos (CEA) tem feito esforço na publicação do Lecionário comentado. Entretanto nem a natureza da publicação, nem a natureza do CEA, dizem respeito ao problema aqui proposto. O CEA é um organismo para Educação Teológica, e sua publicação está direcionada a um público específico: clérigos e no máximo ministros leigo-leitores. Assim, a carência de materiais didáticos que possam subsidiar os esforços domésticos em ler, estudar e meditar sobre a Bíblia, gera um profundo abismo entre o Domingo e a Segunda-feira, ou seja, a única oportunidade de instrução, exortação e formação do leigo é centralizada no domingo, já que a realidade mostra que a maioria das comunidades não possui nenhuma atividade litúrgica em dias de semana. Então, inconscientemente, educamos nossos leigos a) não freqüentarem a igreja durante a semana, e nas ocasiões especiais, como Semana-Santa, Quarta-Feira de Cinzas, e outras festas do calendário maior, consideram um estorvo; b) também educamos a não terem atividades domésticas, pois não os incentivamos.

O que o relatório nos propõe muito oportunamente, e diga de passagem, esta sugestão já existe há quase dez anos, e até agora, mesmo publicada no Brasil, mostra que nada foi feito para

⁶ _____. Lambeth Conferência 1998: Seção Dois: Relatório da Conferência “Chamados a viver e proclamar as boas novas”. In: Partilha Teológica. Porto Alegre: CEA/IEAB/Dep. de Missão, nº. 08, pg. 68, 1999.

atender a esta proposta. Esta é uma grande lacuna que temos, pois nossos leigos não são ensinados a lerem a Bíblia em casa, de forma sistemática, ou mesmo devocional. E o que agrava mais é o fato de que não dispomos de instrumentos específicos para atender esta demanda. Esta forma de compreender e instrumentalizar o dia-a-dia do leigo, é muito própria das igrejas reformadas e evangélicas. O relatório ainda continua sugerindo:

*Buscamos encorajar: a) o desenvolvimento de pequenos grupos de pessoas como comunidades missionárias, cujo estilo de vida, comportamento e reflexão das Escrituras, conduzirão à transformação de pessoas e comunidades. b) leitura popular da Bíblia como um recurso das pessoas ao invés de para as pessoas, ambos em grupos pequenos e através da leitura pessoal da Bíblia. (...) d) diálogo entre formas populares e científicas de interpretação da Escritura de maneira que um ilumine o outro.*⁷

É incrível como estas propostas foram debatidas em um nível internacional, numa circunstância de extrema importância para a Comunhão Anglicana toda. O que nos faz concluirmos que, ainda não fazem parte de nossa ação pastoral, essas pequenas atitudes que fortalecem e inspiram à espiritualidade familiar e comunitária. Estamos gastando tempo em esfera internacional, para debater sobre nossos “*deveres de casa*”, ou seja, àquilo que deveríamos estar fazendo e não fazemos. O ponto “d” reflete um desacordo entre a Educação Teológica e a Educação Cristã em níveis provinciais. Cada uma está trabalhando isoladamente, seguindo suas próprias orientações. Não se é possível fazer leitura científica da Bíblia, sem considerar os traços hermenêuticos populares, e o contrário também. Deveríamos estar discutindo nessas esferas internacionais, as formas concretas de transformação da sociedade e os assuntos doutrinários e teológicos para a unidade das igrejas, que orientações sobre o que fazer em *micro-níveis*. Assim, nossa proposta é acordada pela própria comunidade internacional: produzir elementos que subsidiem e colaborem para a espiritualidade e devoção diária, e traçar uma ação pastoral que contemple esta *asa* popular e comunitária, ação que irá contribuir para a promoção missionária e evangelizadora.

Bíblia e ação transformadora

⁷ _____. Lambeth Conferência 1998: Seção Dois: Relatório da Conferência “Chamados a viver e proclamar as boas novas”. In: Partilha Teológica. Porto Alegre: CEA/IEAB/Dep. de Missão, n°. 08, pg. 68, 1999.

*La Biblia debe iluminar la práctica y la vida de la iglesia. Iluminando nuestra historia, llevamos esperanza a los más necesitados.*⁸

Se a Bíblia, como nos prescreve o Quadrilátero de Lambeth, contém todas as coisas necessárias à salvação, implica certamente numa mudança de postura ética, a que chamamos de “conversão”, ou seja, um direcionamento ao seguimento da Cruz de Cristo, e esta decisão é algo puramente racional. Então, é inegável o papel transformador que a Bíblia exerce no ato de convencimento de nossas perguntas existenciais. Assim, ela norteia nossos caminhos, iluminando-os e guiando-nos. Esta decisão implica numa postura muito firme no mundo, diante da realidade confrontada com os valores evangélicos. O cristão lança-se no mundo como um suicida para a morte, pois os valores e princípios que rege a sociedade, não são os mesmos que “*os do Caminho*”. A Bíblia é repleta de manifestações de combate às injustiças, opressão, tirania, desigualdades. Desde o Antigo Testamento ao Novo Testamento temos exemplos concretos da ética bíblica em face de estas questões humanas.

A Bíblia então nos provoca a um protagonismo social, a impelirmos à conversão como S. João Batista. Ao anúncio do Reino de Deus e denúncia das injustiças sociais. Certamente, esta presença profética e evangélica do cristão será o anúncio da esperança para as minorias sem dignidade, e para as massas oprimidas. Entretanto, esta leitura deve estar afinada com o espírito de nosso tempo, instrumentalizada com o aparato crítico que para nós é ofertado.

“(...) we are faced with our rapidly changing global context. Though the Church is slow, even unwilling, to recognize it, our context is now post-modern and that influences our attitudes to the reading of scripture and the question of authority (...).”⁹

Os problemas que estão diante de nós são cada vez mais complexos, pois são problemas pós-modernos, oriundos de uma realidade social e cultural que a Bíblia necessariamente não pretende responder e sequer tenha alguma realidade, por mínima que seja, semelhante. Então, muitos se apegam às formas fundamentalistas da leitura bíblica, refutando e desprezando todos os novos problemas à luz de um código moral, ético e disciplinar que não cabe mais neste modelo vigente, e ignorando os problemas modernos como se fossem menos importantes por não serem

⁸ _____. *La Globalización y sus implicaciones en América Latina: Un desafío para la Iglesia Episcopal Anglicana*. Panamá: CETALC, pg. 219, 2005. “A Bíblia deve iluminar a prática e a vida da igreja. Iluminando nossa história, levamos esperança aos mais necessitados” (trad. minha).

⁹ NDUNGANE, Njongonkulu. “A world with a human face”. Genebra: WCC/SPCK, pg. 113, 2003. “(...) nós somos enfrentados com nosso contexto global rapidamente em mudança. Embora a igreja seja lenta, mesmo não querendo reconhecer, nosso contexto é agora pós-moderno e isso influencia nossas atitudes à leitura da Escritura e à pergunta da autoridade (...).” (trad. minha)

contemplados pela Bíblia. O ethos anglicano, e muito certamente a hermenêutica anglicana, influenciada pelo princípio de “*compreensividade*”, contempla os grandes dilemas da contemporaneidade fundamentado no tripé hermenêutico (Bíblia-Tradição-Razão), por isso, sempre nos aparentamos estar um passo além das demais igrejas. Assim, o exercício antropológico da alteridade, do afastamento objetivo, reconhecendo as diferenças, o “outro”, nos conduz a uma aproximação e diálogo, partilhando nossa fonte de riqueza e amplificando a voz das minorias excluídas.

Then there are issues which were twentieth-century phenomena and which have, depending on one's perspective, revolutionized, reformed or severely harmed the church: the feminist movement, the growing recognition of the place of inter-faith dialogue and the issues debated most fiercely by the last two Lambeth Conferences, namely the ordination of women, and the place of homosexual people.¹⁰

Estas questões devem ser tratadas com a maior naturalidade pela igreja, pois corremos o sério risco de perdermos o trem da história e perdermos nossa relevância para a humanidade. À luz da Bíblia, Tradição e Razão, a igreja deve encarar a angústia, depressão e descrença da humanidade.

The importance of the bible is that it provides a common reference point for all christian people. It is a guide to life not a law-book, and its meaning and authority has to be worked out by the local christian community. In this sense the authority of the church and that of the bible go hand in hand, and the bible's has to be freely accepted.¹¹

Assim, a Bíblia não é um livro de leis, com receitas estáticas para a saúde integral do ser humano. Além disso, é um guia dinâmico, que deve se renovar com a visão de quem a lê, enfrentando suas crises. Desta forma, a Bíblia torna-se um livro para todas as gerações e não algo obsoleto, legitimando seu status de livro sagrado.

¹⁰ Idem. pg. 113. “Então existem questões que eram fenômenos do século XX e que têm, dependendo da perspectiva: única, revolucionada ou reformada, prejudicado severamente a Igreja: o movimento feminista, o crescimento constante de espaço de diálogo inter-religioso e as questões debatidas o mais ferozmente pelas últimas duas conferências de Lambeth, a saber a ordenação de mulheres, e o lugar das pessoas homossexuais.” (trad. minha)

¹¹ Id. pg. 115. “A importância da Bíblia é que fornece um ponto de referência comum para todos os povos cristãos. É um guia para a vida e não um livro de leis, e seus meios e autoridade têm que ser trabalhados para fora pela comunidade cristã local. Neste sentido a autoridade da igreja e aquela da Bíblia vão em conjunto, e a autoridade bíblica têm que ser livremente aceita.” (trad. minha)

Referências Bibliográficas

OLIVEIRA, Orlando Santos. “Espiritualidade do Livro de Oração Comum”. In: Reflexões, nº. 06, Porto Alegre: CEA/IEAB, pg.38, 1999.

Conferência de Lambeth 1998. Resolução III.1b. In. Reflexões. Porto Alegre: CEA/IEAB, nº. 08, pág. 15-16, 2000.

Para além de Lambeth. Para além de 2000. Relatório da Missão para a Conferência de Lambeth de 1998. In: Partilha Teológica. Porto Alegre: CEA/IEAB/Dep. de Missão, nº. 08, pg. 30, 1999.

Lambeth Conferência 1998: Seção Dois: Relatório da Conferência “Chamados a viver e proclamar as boas novas”. In: Partilha Teológica. Porto Alegre: CEA/IEAB/Dep. de Missão, nº. 08, pg. 68, 1999.

“La Globalización y sus implicaciones en América Latina: Un desafío para la Iglesia Episcopal Anglicana”. Panamá: CETALC, pg. 219, 2005.

NDUNGANE, Njongonkulu. “A world with a human face”. Genebra: WCC/SPCK, 2003.

GONÇALVES, Humberto Maiztegui. “Bíblia e Anglicanismo (polígrafo do SETEK): pg. 1-18.

_____. “Apontamentos sobre Bíblia, Liturgia e Anglicanismo”. In: Inclusividade. Porto Alegre: CEA, pg. 59-69, 2003.